

DN - 17.11.65

De P. N.

Profecia de Tocqueville

RUBEM BRAGA

TOCQUEVILLE

SE eu lhes contar que passei a noite lendo Tocqueville não acreditem, por favor. Falta-me um honesto apetite para me aprofundar no estudo dos clássicos da ciência política, estou, além disso, convencido de que não é negócio varar as madrugadas estudando Maquiavel, Hobbes, Rousseau ou Lenine se o que verdadeiramente interessa é estar a par das coisas, e para isso basta a leitura do eminente constitucionalista especializado em equilíbrio dos poderes que é o general Teixeira Lott.

O que andei lendo foi um livro de Jean-Jacques Chevalier, «As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias», preaciado por André Siegfried, traduzido por Lídia Cristina e publicado pela Agir Editora.

No capítulo sobre Tocqueville vemos que nem sempre ele foi um bom profeta; acreditava, por exemplo, que a evolução natural da democracia como a que examinou nos Estados Unidos levaria a um igualitarismo: «Imagina-se que, depois de ter destruído o feudalismo e vencido os reis, a democracia retrocederá diante dos burgueses e dos ricos? Deter-se-á ela agora que se tornou tão forte e os seus adversários tão fracos?».

Mas há uma página sua, escrita em 1832, que é verdadeiramente profética e aqui a deixo para a curiosidade dos leitores: «Existem hoje sobre a terra dois grandes povos que, oriundos de pontos diferentes, parecem avançar para o mesmo fim; são os russos e os anglo-americanos. Ambos cresceram na obscuridade e, enquanto os olhares dos homens se ocupavam alhures, colocaram-se de súbito na primeira categoria das nações, tendo o mundo apreendido quase ao mesmo tempo o seu nascimento e a sua grandeza. Todos os outros povos parecem ter atingido aproximadamente os limites que lhes traçou a natureza, não lhes restando mais do que conservar; eles, porém, acham-se sempre em crescimento. A Rússia é, de todas as nações do Velho Mundo, aquela cuja população aumenta mais rapidamente guardadas as devidas proporções... Para atingir o seu fim (o americano), baseia-se no interesse pessoal, deixando agirem a força e a razão dos indivíduos, sem dirigi-los. A Rússia concentra, de certo modo, num homem, todo o poder da sociedade — um tem por principal meio de ação a liberdade, o outro a servidão. Diferem pelo ponto de origem, são diversos os seus caminhos; entretanto, cada um deles parece chamado, por secreto designio da Providência, a ter um dia nas mãos os destinos da metade do mundo. Não é impressionante?»

24.5.58